

IMPRESSING THE CZAR

**DE WILLIAM FORSYTHE
PELO ROYAL BALLET OF FLANDERS**



**21 E 22 DE FEVEREIRO 2008
21H00
GRANDE AUDITÓRIO
CENTRO CULTURAL DE BELÉM**

Ficha Artística:

Coreografia

William Forsythe

Música

**Thom Willems, Leslie Stuck, Eva Crossman-Hecht
e Ludwig van Beethoven**

Cenografia

Michael Simon

Figurinos

Férial Simon

Consultor técnico

Olaf Winter

Desenho de som

Bernhard Klein

Duração aproximada: 1H30 c/2 intervalos

Estreia pelo Ballett Frankfurt em 1988.

Recriado exclusivamente pelo Royal Ballet of Flanders desde Dezembro de 2005.

PREFÁCIO

É com especial prazer que vos apresento *Impressing the Czar* de William Forsythe. Estamos muito entusiasmados por poder apresentar este brilhante trabalho. Depois da última apresentação pelo Ballett Frankfurt em 1985, era incerto se esta peça voltaria a ser apresentada, dada a complexidade da mesma. Foi, durante muito tempo, uma peça favorita entre muitas audiências a nível mundial e existe uma emoção extraordinária, internacionalmente, devido à sua reposição.

Sentimo-nos, de facto, privilegiados e emocionados por dar vida novamente a esta produção. Gostaria de agradecer pessoalmente a William Forsythe, pela confiança que depositou em mim e na companhia. Tem sido um empreendimento enorme e muitas pessoas talentosas têm estado implicadas neste processo. Os meus antigos colegas do Ballett Frankfurt – Glenn Tuggle, Helen Picket, Alan Barnes, David Kern e Ana Catalina Roman, membros da companhia durante muito tempo – trabalharam arduamente para que fosse possível a concretização deste projecto.

Na parte técnica, o contributo de Olaf Winter foi inestimável. Gostaria também de agradecer a Bernhard Klein e, naturalmente, a Thom Willems. Sei que foi um trabalho de amor para todos vós, assim como foi para mim. Convido-vos, pois, a acomodarem-se e a desfrutarem de um maravilhoso serão dançado por uma companhia extraordinariamente talentosa.

Kathryn Bennetts



IMPRESSING THE CZAR é um bailado em três actos onde a acção narrativa dá lugar à história da civilização ocidental. Forsythe oferece-nos a frenética e espirituosa ironia do bailado clássico na corte do czar – dito por outras palavras, o repertório que a maior parte dos teatros “oficiais” continua a apresentar.

Na primeira parte, “Potemkins Unterschrift” (“a assinatura de Potemkin”), Forsythe desenvolve uma profusão de referências às convenções clássicas, passando em revista toda a história da arte e do bailado clássico, desde a Renascença até aos nossos dias. Esta herança cultural surge na terceira parte, “La Maison de Mezzo-Prezzo”.

Entre as cenas exuberantes do início e o burlesco da venda em leilão, está a essência desta obra, a dança requintada de “In the middle somewhat elevated”. Esta é a peça que tornou Forsythe mundialmente famoso. Criou-a na Ópera de Paris, um local tão consagrado como o Teatro Mariinsky de São Petersburgo.

Em “Bongo Bongo Nageela”, Forsythe apresenta uma peça de um humor extraordinário, uma dança agressiva e atávica interpretada por rapazes e raparigas em fardas escolares inglesas, com saias plissadas. Este momento conduz inexoravelmente a “Mr. Pnut Goes to the Big Top”, onde o “maître des plaisirs”, Mr. Pnut, executa um final surpreendentemente empolgante.

(com agradecimentos a Eva Fischer)



ALINHAMENTO DO ESPETÁCULO

I. POTEKINS UNTERSCHRIFT

Música: Ludwig van Beethoven
Leslie Stuck
Thom Willems

Texto: Kathleen Fitzgerald
Richard Fein
William Forsythe

II. IN THE MIDDLE, SOMEWHAT ELEVATED

Música: Thom Willems
Colaboração musical: Leslie Stuck

III. LA MAISON DE MEZZO-PREZZO

Música: Eva Crossman-Hecht
Texto: Kathleen Fitzgerald
William Forsythe
Concepção: William Forsythe

IV. BONGO BONGO NAGEELA

Música: Thom Willems

V. MR. PNUT GOES TO THE BIG TOP

Música: Thom Willems



AS CEREJAS

De onde vem a ideia das cerejas como elemento de *décor*? Para o explicar, é preciso regressar às memórias de William Forsythe, no momento em que a produção foi montada no Théâtre du Châtelet em 1993.

“Tudo começou com o ballet *In the Middle, Somewhat Elevated*, criado para o Ballet da Ópera de Paris em 1987. O título refere-se a duas cerejas douradas suspensas ‘somewhat elevated’ (algo elevadas) no meio do palco. Porquê duas cerejas douradas? Bom, é fácil! O que eu tinha pensado para o cenário eram três paredes com uma centena de objectos dourados pendurados por fios invisíveis. Em primeiro lugar, tinham de ser objectos de uso corrente: uma cassete, uma espátula, um despertador, etc., depois fomos acrescentando coisas achadas no interior dourado do Palais Garnier, como uma tartaruga, uma lira e um ananás. Eu tinha, portanto, um conceito e tudo estava a correr bem até à primeira reunião técnica. Aí, David Salle, o outro programador, apresentou um projecto extraordinariamente complexo e que, dadas as limitações técnicas do Palais Garnier – exigiria a maior parte do tempo e dos meios dos técnicos do Palais. Quando chegou a minha vez de apresentar o cenário, procurei nas minhas notas o objecto mais trivial. E foram essas duas cerejas. Então, quando eu disse que era tudo o que queria, a equipa inteira desatou às gargalhadas. Pensavam que eu estava a brincar. Quando expliquei que estava a falar a sério, fez-se silêncio. Os técnicos agradeciam-me, sem dúvida, com aquele silêncio.”

“Entre Outubro e Novembro de 1987 fui confrontado com o desafio de montar um programa que preenchesse uma noite inteira, num espaço de tempo muito curto. A única possibilidade foi integrar *In the Middle...* no programa. Inevitavelmente surgiu a pergunta sobre como se poderia ligar este trabalho com o anterior e com o que viria a seguir. Para mim era óbvio: tinham de ser as cerejas. De todos os objectos, as cerejas eram os mais claramente definidos e os mais imparciais em palco. Não pretendia generalizar a partir do elemento ‘movimento’, porque sentia que as variações temáticas da obra eram um sucesso e que o elemento ‘dança’ estava a sofrer por causa do isolamento do conceito formal da obra.”

“Assim, para voltar às cerejas, não tinha de facto escolha. No projecto original, as cerejas estavam rodeadas de objectos semelhantes que, por sua vez, estavam rodeados por objectos ‘artísticos’. Finalmente, chegámos às *THE CHERRIES IN ART (CEREJAS NA ARTE)*. O meu colaborador Michael Simon propôs uma solução muito académica: o ‘léxico da história completa da pintura’ ou qualquer coisa do género. Uma enciclopédia que pesaria, certamente, quinze quilos. Consultá-la equivaleria mais ou menos a procurar uma palavra num dicionário: é preciso ler uma grande quantidade de definições antes de se encontrar a palavra que se procura. Mas surge sempre qualquer coisa, ao fim e ao cabo.”

“Encontrámos cerejas com crianças, cerejas com santos, cerejas com santos trespassados por flechas, crianças em andores em urnas pretas estilizadas, cerejeiras perto dos santos

trespassados por flechas, pinturas de galerias de pinturas, com rosas, com molduras à volta das cerejas. Salas cheias de pinturas de galerias cheias de pinturas emolduradas. Pinturas de moedas, adornadas com tartarugas em salas decoradas com liras. Pinturas dedicadas à arquitetura e embelezadas com ananases, pinturas de pessoas a olhar em galerias de pintores, pinturas pretas, pinturas com uma faixa através delas, pinturas em forma de trapézio. Namorados com cerejas e espelhos, e assim por diante. Já não me lembro de onde vinham as pinhas douradas, mas elas estavam lá.”

ALGUNS EXCERTOS DE IMPRENSA A PROPÓSITO DE “IMPRESSING THE CZAR” PELO ROYAL BALLET OF FLANDERS

Ballet of Flandres reinventa-se a si própria Missão cumprida

Impressing the Czar

Uma peça que despreza a lógica convencional que governa a ordem e o impulso do movimento

THE GUARDIAN, 2005

Beethoven Sem Roupa e Outros Movimentos Inulgares

Pode ser uma crítica ao ballet do século XIX ou simplesmente pura diversão. De qualquer modo, é uma abordagem necessária no mundo em que vivemos.

THE NEW YORK TIMES, 2006

Pletora de ideias com o Ballet of Flandres

Um corte com a linguagem do ballet clássico. Reorganizado e colocado num contexto contemporâneo

TROUW, 2005

Aposta salda-se

Uma lição concisa na história do ballet, mas envolta em espectáculo, ironia e humor

DE TIJD 2005, Pieter T’Jonck

Czar impressiona profundamente

O coreógrafo americano que revolucionou o mundo da dança nos anos oitenta

DE TELEGRAAF, 2005

THE ROYAL BALLET OF FLANDERS

Directora artística: Kathryn Bennetts

O Royal Ballet of Flanders é actualmente a única companhia de bailado clássico na Bélgica. Fundada há trinta e oito anos pela visionária Jeanne Brabants, a companhia começou como uma ramificação da Ópera, mas rapidamente atingiu o reconhecimento internacional.

Actualmente o Royal Ballet of Flanders está pronto para começar uma terceira temporada debaixo da inspiradora direcção artística de Kathryn Bennetts que desbravou novos caminhos, procurando preencher a lacuna entre tradição e experimentação. Os desenvolvimentos inovadores têm a ver com pessoas, com uma troca entre coreógrafos e um director artístico com uma determinada visão. No curto período em que Bennetts tem sido directora, o repertório provou ser rico e variado e é testemunho de uma assinatura distinta: efervescentes e brilhantes, as performances de dança são particularmente refinadas. No actual panorama variado da dança, o Royal Ballet of Flanders afirma o seu lugar com mais força do que nunca.

KATHRYN BENNETTS – directora artística

Depois de uma carreira notável no Australian Ballet e no Stuttgart Ballet, Kathryn Bennetts leccionou como professora convidada em numerosas companhias internacionais. Posteriormente, tornou-se assistente de William Forsythe no Ballett Frankfurt durante 15 anos. Devido à sua longa carreira internacional, estabeleceu amizade com coreógrafos, directores artísticos de companhias de baile e directores de salas de espectáculo por todo o mundo. Estes contactos foram essenciais para a programação e o planeamento das digressões internacionais do Royal Ballet of Flanders, do qual é directora artística desde Junho de 2005.

WILLIAM FORSYTHE

William Forsythe nasceu em Nova Iorque em 1949. Estudou dança na Jacksonville University, Florida, e mais tarde na Joffrey Ballet School. Em 1973 integra a companhia alemã Stuttgart Ballet como bailarino e posteriormente inicia o seu trabalho como coreógrafo para a companhia. Foi então que criou a sua primeira obra, *Urlicht*, um dueto com música de Gustav Mahler.

Nos sete anos seguintes criou mais de 20 bailados para o Stuttgart Ballet e para outras grandes companhias, como o Basel Ballet, Munich Ballet, Deutsche Opera Ballet de Berlim, Joffrey Ballet e Netherlands Dance Theater. Uma das suas primeiras coreografias, *Flore Subsimplici*, integrou a temporada de 1978 do Stuttgart Ballet no London Coliseum. A sua obra mais conhecida deste período, *Side 2-Love Songs*, foi posteriormente gravada para televisão.

Em 1984, um ano após a criação da obra *Gänge* para o Ballett Frankfurt, tornou-se director desta companhia, de onde parte para a criação de obras ousadas e originais que se afastam do repertório tradicional, procurando assim criar novos públicos. Desde então, desenvolveu uma estética única de bailado que não nega a técnica clássica, mas que em simultâneo a desconstrói, alarga e desafia o léxico. Nos últimos quinze anos, das suas obras de referência podemos destacar *Artifact* (1984), *Impressing the Czar* (1988), *Limb's Theorem* (1991), *The Loss of Small Detail* (1991), *ALIE/NA(C)TION* (1992) e *Eidos:Telos* (1995), *Endless House* (1999), e *Kammer/Kammer* (2000).

Forsythe continua a criar peças para companhias em todo o mundo, e o seu trabalho faz parte do repertório do New York City Ballet, San Francisco Ballet, The National Ballet do Canadá, The Royal Ballet, Covent Garden, Royal Sweddish Ballet, e Opera de Paris Opera Ballet. Estes trabalhos centram-se primordialmente na dança, mas na sua companhia, Ballett Frankfurt, Forsythe tende a usar movimentos mais complexos e cenografias do teatro.

Para consternação do mundo da dança, em Junho de 2004 o Ballett Frankfurt foi extinto pela administração local. Mas Forsythe cria a sua própria companhia, a Forsythe Company, que se estabelece em dois locais: Bockenheimer Depot em Frankfurt e o Festspielhaus Helerau em Dreden. A companhia, que não possui mais de 18 bailarinos, será subsidiada pelos estados confederados de Hesse e Saxe.

THOM WILLEMS

Thom Willems estudou composição electrónica e instrumental no Royal Conservatory em The Hague. Como compositor, criou principalmente música electrónica para teatro. Com o seu sintetizador, cria sons e modula variações, produzindo como que um novo som familiar. Trabalhou regularmente com o coreógrafo William Forsythe e o Ballett Frankfurt. Juntos criaram mais de setenta obras para dança.

Thom Willems também compôs para outros coreógrafos, como Daniel Erzalow, Daniel Larrieu, Marcia Haydee e Krisztina de Châtel. Paralelamente, criou música para cinema e televisão. A sua música tem integrado o repertório de várias companhias de dança, como o Ballett Frankfurt, La Scala de Milão, San Francisco Ballet, Ballet da Ópera de Paris, Royal Ballet London, New York City Ballet, Hubberd Street Dance Company e o National Ballet do Canadá. Das suas composições podemos destacar: *New sleep*, *In the Middle*, *Somewhat Elevated*, *Impressing the Czar*, *Limb's Theorem*, *Enemy in the Figure*, *The loss of Small Detail*, *As a garden in a setting (1 en 2)*, *Alie/n a(c)tion*, *Eidos:Telos*, *Small Void* e *Quartetto*.

A revista de música *Gonzo* refere-se à composição de Willems, *In the Middle, somewhat Elevated*, como uma pequena obra-prima de grande referência no universo do som. O trabalho está incluído no CD *The Loss of Small Detail*. O CD *Enemy in the Figure* é uma compilação de outras músicas de Willems.

LESLIE STUCK

Iniciou a sua carreira nos anos oitenta, compondo para William Forsythe. Posteriormente, numa acção conjunta entre compositor e coreógrafo, compôs uma música para as coreografias de Jiri Kylian, David Parsons, e Alonzo King. Os seus trabalhos têm sido apresentados por diversas companhias de dança, como o New York City Ballet, Paris Opera Ballet, Pappa Tarahumara, e Tokyo Ballet.

EVA CROSSMAN-HECHT

Pianista e compositora, estudou na Juilliard School of Music, Syracuse University e Columbia University em Nova Iorque. Acompanhou e preparou grandes estrelas da ópera, nomeadamente Leontine Pryce, Beverly Sills e James King. Trabalhou em diversas escolas, óperas e companhias de dança na América e na Europa, como Rosa Pontell e Baltimore Opera Company, Princeton Ballet Society, Marymount International School em Roma, Teatro Sperimentale di Spoleto, e Rome Balletto dell'Opera.

Em 1984, Eva Crossman-Hecht foi nomeada ensaiadora principal do Ballett Frankfurt onde compôs a música para o bailado *Artifact* e *Impressing the Czar*. Em 1986, inspirada pela música tradicional americana, compôs para o musical de Forsythe, *Isabelles Dance*, utilizando uma grande variedade de estilos musicais como o *swing*, *dixieland*, jazz e música clássica.

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)

Compositor e pianista alemão. Nasceu de uma família de músicos de Bona. As suas primeiras obras como compositor e intérprete mostram a influência da tradição clássica vienense herdada de Mozart e Haydn. Homem angustiado e de trato difícil, em 1801 percebeu que estava a perder a audição, um acontecimento terrível para um músico, mas Beethoven não desistiu da sua carreira musical. Foi então que começou a compor num estilo musical cada vez mais individualista, quase místico, acabando por compor as suas obras mais sublimes e profundas, como os últimos quartetos de cordas. Já no século XIX, Beethoven era considerado como uma figura predominante, e poucos compositores da época escaparam à sua influência ou deixaram de o reconhecer. É um dos compositores mais admirados na história da música ocidental.